

Capítulo 5 – Representações sociais de leitura por usuários de três bibliotecas públicas de Minas Gerais

Marina Nogueira Ferraz

Como citar este capítulo:

FERRAZ, Marina Nogueira. Representações sociais de leitura por usuários de três bibliotecas públicas de Minas Gerais. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 5, p. 117-138.

Resumo: descreve as representações sociais de leitura de usuários de três bibliotecas públicas do Estado de Minas Gerais, fruto do recorte de uma pesquisa mais ampla, no qual investigou as representações sociais dos sujeitos usuários de biblioteca pública. Utilizou como base teórica a Teoria das Representações Sociais, inaugurada por Serge Moscovici (1925-2014), que reflete e analisa os fenômenos sociais partindo da premissa de tornar familiar o não familiar. A escolha da Teoria das Representações Sociais para o estudo da visão do usuário sobre as bibliotecas públicas foi uma busca pelo entendimento deste sujeito, na medida em que tal teoria auxilia a reconhecer o saber do senso comum como uma forma de conhecimento compartilhado, que pode ir além das definições e normativas constantes na literatura sobre a área de biblioteca pública e leitura. A opção metodológica foi pela composição de diferentes formas de investigação, sendo elas o questionário, a entrevista semiestruturada e a observação. O papel social das bibliotecas públicas de Águas Formosas, Rio do Prado e Belo Horizonte está intimamente ligado à noção de livro, lugar de encontro e lugar democrático. Dentro do ícone livro insere-se a dimensão leitura, que esteve presente em muitos momentos na fala dos sujeitos e foi explicitada por um valor que ultrapassa o conhecimento das letras e de acesso à informação, que se transforma em uma forma de autoconhecimento, elaboração do mundo circundante e transformação social. A dimensão da leitura nesses contextos está intimamente ligada à instituição biblioteca, seja ela pública ou escolar. A família também desempenha papel fundamental nessa equação, sendo uma das grandes responsáveis pelo incentivo ao gosto pela leitura desde a infância.

1 INTRODUÇÃO

Biblioteca e leitura são dois conceitos intrinsecamente ligados, sendo a leitura um fenômeno disseminado em todos os âmbitos da sociedade. Abordaremos a questão da leitura, no entanto, relacionada à questão das bibliotecas, mais especificamente as bibliotecas públicas. Entretanto, o que você leitor irá perceber, é que não é possível debater sobre leitura sem falar de família e de escola. Este capítulo é parte de uma pesquisa mais ampla (FERRAZ, 2018), na qual vários aspectos das bibliotecas públicas foram analisados e por ser agente constituinte e motivador das bibliotecas, a leitura foi o destaque.

Para apreensão das dimensões da leitura presentes nos discursos e no imaginário dos usuários das bibliotecas públicas, optamos por nos ancorar na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo psicólogo romeno Serge Moscovici (1925-2014), na década de 1960. Para Moscovici, a Teoria das Representações Sociais permite conhecer a construção do conhecimento à medida que se desvela nas relações sociais. A escolha da Teoria das Representações Sociais para o estudo da visão dos usuários sobre as bibliotecas públicas e a leitura foi uma busca pelo entendimento deste sujeito, na medida em que esta teoria auxilia a reconhecer o saber do senso comum como uma forma de conhecimento compartilhado, que pode ir além das definições e normativas constantes na literatura sobre a área de biblioteca pública e leitura.

O conhecimento socialmente construído proposto por Moscovici é transmitido de geração para geração e é influenciado também por valores, motivações e normas sociais. Mas não é qualquer conhecimento que pode ser definido como representação social.

Mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, através do senso comum, que é elaborado socialmente e funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. É um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico, porém se parece com ele, assim como os mitos, no que diz respeito à elaboração destes conhecimentos a partir de um conteúdo simbólico e prático. (ALEXANDRE, 2004, p. 127).

Este capítulo, após a breve introdução, está organizado em quatro momentos, antes de concluirmos a discussão. Os aspectos teóricos foram enriquecidos com os relatos de

entrevistas e questionários dos usuários que participaram da pesquisa, concedendo verdade e humanidade às discussões teóricas.

2 LEITURA: DA INFÂNCIA À IDADE ADULTA

O incentivo ao gosto pela leitura se configura como um serviço primordial das bibliotecas públicas, uma vez que o acesso à informação na sociedade está consolidado, basicamente, pela letra registrada. Percebe-se que, na maioria das bibliotecas, essas ações de incentivo à leitura são voltadas para as crianças, o que representa uma grande missão e deve ser cuidada para que se tornem, realmente, um meio de contato com o objeto livro e demais suportes da escrita, apresentando o mundo de possibilidades que neles residem.

As implicações da leitura para bebês e crianças são objeto de estudo de pesquisadores, que consideram os aspectos subjetivos, cognitivos, sociais e de experiência com a linguagem e com as narrativas. Todas essas vertentes contribuem para que os programas de incentivo à leitura nas bibliotecas públicas sejam cada vez mais debatidos e cuidadosamente pensados. Ler para as crianças se mostra como uma das formas mais valorosas de aproximá-las dos livros e de toda a atmosfera que os envolve.

Talvez, por sermos parte de uma saga escrita com palavras, precisamos ser nutridos não só leite, mas também com estes invólucros — histórias, contos, poemas — onde se encontram os que estão chegando agora, os que chegaram há muito tempo e os que já se foram. Ler é, no fundo, estabelecer diálogos entre os que estão aqui e agora com os que moram longe ou morreram e os que estarão vivos quando estivermos mortos. É tornar visível e audível o invisível e o inaudível: por isso, talvez, as crianças peçam, queiram, necessitem que leiamos para elas. Precisam ser envolvidas, decifradas, acompanhadas, consoladas pelas palavras. Precisam também dar nomes a tantas sombras e tantas coisas indizíveis. (REYS, 2017, p. 47).

A relação entre o bebê e o objeto livro pode ser iniciada nos primeiros momentos de aprendizagem, por meio da dimensão sensorial, o que fortalecerá este vínculo, como comenta Baptista:

Já nesses momentos iniciais de aprendizagem e de brincadeiras com os sons e as palavras, podemos introduzir o livro infantil. No início, os livros serão objetos a serem explorados nas suas dimensões físicas. O bebê buscará perceber a textura, o peso, o formato, o tamanho e até mesmo o seu sabor. Entretanto, sob a mediação de leitor proficiente, os bebês vão descobrindo que aquele objeto cultural possui especificidades e, sobretudo, maneiras muito diferentes de ser usado, que requer estratégias diferenciadas de interação. Ao ser motivado a

relacionar o que vê no livro com aquilo que o mediador lhe apresenta, inicia-se o bebê na representação, condição eminentemente humana. (BAPTISTA, 2017, p. 65).

A pesquisadora Tereza Colomer, especialista em literatura infantil e juvenil, discute em seus livros o papel da escola e das bibliotecas no incentivo à leitura para crianças e adolescentes. Em uma de suas passagens ela declara que a criança deve dedicar tempo à leitura silenciosa e solitária, e a escola e os pais devem proporcionar estes momentos.

As vantagens de dedicar um tempo à leitura individual e silenciosa podem resumir-se às seguintes:

- a) permite a prática autônoma da escolha do livro e proporciona a percepção de si mesmo como leitor;
- b) concede tempo necessário para desenvolver as distintas habilidades do ato de leitura;
- c) desafia o leitor a resolver sozinho as dificuldades do texto, com a vantagem de que pode recorrer facilmente ao professor ou aos colegas para solucioná-las;
- d) a possibilidade de reler algumas das obras, ou de ler alguns títulos de uma mesma série, promove a rapidez da leitura e assimilação dos progressos realizados. (COLOMER, 2017, p. 102).

Farias, Renó e Medina (2017, p. 156) se aprofundam na discussão, introduzindo a questão do tempo mediado pelo consumo e pela exigência de produtividade, e que na relação com a leitura deve ser deixado em segundo plano para que o contato verdadeiro com o texto aconteça.

A leitura exige suspensão do tempo produtivo, pelo menos desse que tem que render e demonstrar resultados a todo momento. Para ler com e para uma criança, é necessário parar. É preciso calma para manusear e apresentar a ela o livro, as ilustrações, os autores. A própria leitura se faz com vagar, escutando a criança, observando seus gestos, convidando-a a participar daquele momento. Todas as interrupções, falas, risos e comentários precisam ser ouvidos e considerados. E isso exige tempo [...]. Assim, entendemos que a suspensão do tempo produtivo é a primeira condição para a leitura com crianças. Na biblioteca, isso significa ter pessoas que compreendam essa questão e que se dediquem, afetivamente, à infância, ouvindo as crianças, falando com elas, partilhando leituras, conversando sobre livros e despertando nelas o interesse de conhecer o mundo imenso guardado pela escrita. Tudo isso na medida do desejo e do desenvolvimento cognitivo dos pequenos, mediado e estimulado pela boa formação dos profissionais. (FARIAS; RENÓ; MEDINA, 2017, p. 156).

Apesar do público infantil ser o foco principal das ações de incentivo à leitura na maioria das bibliotecas, esta atividade também deve voltar seu olhar para todos os públicos que a frequentam.

Seria conveniente que as bibliotecas públicas desenvolvessem programas motivadores da leitura entre os diferentes segmentos da sociedade, especialmente para os leitores relutantes e cujo nível de autonomia do comportamento de ler seja baixo. (ARAÚJO, 1985, p. 109).

Tal diversidade de público e a necessidade de se contemplar todos eles com ações de incentivo à leitura, foi comentada por Santa Maria (2011, p. 57), pois, para a autora, “outros públicos da biblioteca como os jovens, mães, adultos, idosos, pessoas reclusas em prisões e hospitais, todos a partir do nascimento até a velhice podem se beneficiar de tais programas.”

O papel social da leitura ganha relevância quando se considera que ela é “um dos meios mais eficazes para a expansão do pensamento crítico e de acesso à cultura e aquisição de experiências.” (ARAÚJO, 1985, p. 116).

Os programas de incentivo à leitura, assim como todos os serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas, sofrem a influência das características da comunidade em que estão inseridos. E ainda que existam características que possam homogeneizar os sujeitos, a experiência leitora é particular e subjetiva. Dumont discute esse assunto:

Os paradigmas da leitura, válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados, comportam modos específicos. A sua caracterização é, portanto, indispensável a toda abordagem que vise reconstruir o modo como os textos podem ser apreendidos. Torna-se imprescindível lembrar que essas singularidades não advêm necessariamente de uma homogeneidade: são pessoas bem diferentes que se assemelham porque são obrigadas a pertencer a uma classe [...]. Porém, o real sentimento de pertencer a uma comunidade — os companheiros, a cidade, a turma — não destrói, não elimina as diferenças de sensibilidade, de sistemas de valores. (DUMONT, 2001, p. 47).

Lankes (2016) também nos alerta que a biblioteca pública, por ser um local democrático de leitura, deve permitir as pessoas lerem o que for de sua escolha e que não é papel da biblioteca dizer o que deve ou não ser lido.

O incentivo à leitura é um trabalho constante e importante nas bibliotecas públicas e para muitos sujeitos pode ser a única oportunidade de ser inserido na cultura mediada pela letra registrada. A biblioteca pública não está sozinha na cadeia de formação de leitores, que conta também com a família e com as bibliotecas escolares. No entanto, ao considerar uma família não leitora, além da deficiência de grande parte das bibliotecas

escolares, é papel da biblioteca dizer o que deve ser lido ou não ser lido, porém, ainda há um aspecto a ser explorado:

Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania. (PÉTTT, 2009, p. 19).

A autora enfatiza e reforça a importância das bibliotecas públicas e de bibliotecários, mediadores de leitura e educadores de modo geral, na luta contra os processos de exclusão e segregação. Cabe ao bibliotecário sim o papel de protagonista, no sentido de ampliar o debate e as reflexões em torno da apropriação de temáticas demandadas pelos leitores, além de incentivar outras, para ampliar o espectro de informações dos sujeitos leitores.

3 METODOLOGIA

A pesquisa sobre as representações sociais se caracterizou com uma base qualitativa e descritiva. Foram pesquisadas três bibliotecas mineiras: Biblioteca Pública Maurício Marcondes Coelho em Águas Formosas (Vale do Mucuri), Biblioteca Pública Municipal Marciolino Ferreira Porto, em Rio do Prado (Vale do Jequitinhonha) e Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais em Belo Horizonte (região central da cidade e do estado). As duas bibliotecas públicas municipais do interior de Minas Gerais possuem o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de suas regiões.

A pesquisa investigou as representações sociais dos sujeitos usuários das bibliotecas públicas das três, tendo como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais. Na literatura sobre Representações Sociais há uma grande discussão sobre os métodos de apreensão da realidade sob sua perspectiva.

Para esta pesquisa optamos pela composição de diferentes formas de investigação. Foram utilizados o questionário, tendo como conteúdo o teste de evocação de palavras, informações socioeconômicas e questões abertas; a entrevista semiestruturada em profundidade e a observação da rotina das bibliotecas.

A escolha da amostra do estudo foi não probabilística, por conveniência, com pessoas maiores de 12 anos de idade. Participaram 50 usuários que responderam ao questionário e 3 usuários que participaram da entrevista semiestruturada em profundidade.

A maior parte dos participantes tem idade entre 30 e 59 anos, seguido da faixa etária de 12 a 29 anos.

Para analisar o conteúdo das questões abertas do questionário e também das entrevistas e das observações, utilizamos a análise de conteúdo. Já o núcleo central das representações sociais foi identificado por meio da análise prototípica.

4 LEITURA: UM QUADRO QUALITATIVO

A pesquisa teve como um dos objetivos apreender a representação social de leitura por pessoas que utilizam as bibliotecas públicas de cidades mineiras. A partir dos resultados elegemos a categoria “Leitura”, subdividida em cinco subcategorias. A seguir, apresentamos cada uma destas facetas, elucidando com relatos dos próprios participantes da pesquisa. Os grifos presentes nas falas dos sujeitos que participaram da pesquisa foram intencionais, com o propósito de destacar o conteúdo pertinente à categoria. Os relatos na íntegra estão descritos na pesquisa que deu origem a este texto (FERRAZ, 2018) e foram organizados conforme a estrutura do Quadro 7.

Quadro 7 – Categoria: leitura

CATEGORIA	LEITURA
SUBCATEGORIA	a) incentivo b) gosto c) escrita d) conversas sobre livros e) afeto pelo livro

Fonte: adaptado de Ferraz (2018)

A categoria LEITURA lista as subcategorias mais expressivas identificadas na pesquisa de campo com os leitores. O incentivo à leitura pela família, o contato com os livros na escola e em casa e a possibilidade de frequentar uma biblioteca pública permitem que o gosto pela leitura provoque sentimentos e sensações, tanto com os livros em si, quanto com os personagens, passando a fazer parte do cotidiano dos usuários. Os relatos dos entrevistados demonstram que cada leitor possui sua trajetória leitora, tem em sua

memória o primeiro contato com a leitura e possui sua forma individual de lidar com o mundo de possibilidades que se abre por meio deste hábito.

O gosto pela leitura, o hábito de ler e a frequência às bibliotecas acabam fazendo parte do dia a dia das pessoas e as conversas sobre os livros passam a ser um de seus assuntos. Alguns sujeitos relataram situações em que determinados títulos foram o motivo para conversas e encontros, bem como o afeto ao "livro", várias vezes demonstrado, pode gerar algo mais, uma ligação afetiva, amizades.

Nos relatos veremos que fica claro o diálogo entre a teoria e prática, nos fornecendo bons indícios de como atuar neste campo importante e desafiador que é o universo da leitura.

4.1 Leitura

Nesta seção apresentaremos os cinco aspectos relacionados no Quadro 7 e que se referem especificamente à temática leitura em bibliotecas públicas, exemplificados por algumas falas de entrevistados.

4.1.1 Incentivo

O gosto pela leitura e posteriormente o hábito de ler precisam ser incentivados desde a primeira infância, como vimos na discussão teórica sobre o incentivo à leitura em bebês e crianças. Tal incentivo parte das bibliotecas públicas, mas também precisa ter como agentes de interlocução e aproximação a família e as bibliotecas escolares. Um dos entrevistados de Rio do Prado contou sobre o papel de sua mãe e da escola em sua caminhada leitora.



Minha infância? **eu sou filho de professora, e, me motivou muito também porque os livros estavam dentro de casa.** E o livro presente dentro de casa naquela época que nem rádio tinha. Então o livro, a viagem do livro, sabe? E a **minha mãe contava histórias, as mais belas histórias** do livro, sabe? Então ela levava o livro, contava as histórias [...] não só eu, mas meus amigos de infância. **A gente tinha o horário de sentar e escutar as histórias.** E isso **eu acho que marcou e o amor à leitura veio disso** e posteriormente a importância da leitura. Até para formação da intelectualidade, na questão da redação, da pontuação, do conhecimento das palavras, a parte de vocabulário, certo? [...] A escola era, apesar da minha escola ter sido durante o regime militar, e que, a gente notava que tinha essa tendência, principalmente nas disciplinas de OSPB e Moral e Cívica. É, tinha o sete de setembro, que era o auge da escola. A marcha, a gente tinha que marchar. Era obrigatório marchar. Tinha os ensaios. A região nossa é muito quente, tinha o calor. Mas, também tinha o outro lado bom da história, na escola, que apesar de eu achar que tinha uma pedagogia tradicional na escola, eu tive professores que, **no meu terceiro ano primário tinha um dia da semana que era só para leitura de poesias. Tinha uma parte, um período, talvez de 7h às 11:30, tinha uma parte deste período que era dedicado à leitura de poesia. Foi aí que eu conheci Manoel Bandeira, conheci um pouco de Castro Alves, Drummond. Conheci um pouco de Tomás Antônio Gonzaga,** que ligado à Inconfidência Mineira, e outros autores. E não só conheci como comecei a criar o amor pela poesia.

O papel de incentivo de uma família leitora também foi evidenciado na fala de outro entrevistado de Belo Horizonte, que atribuiu ao pai sua grande motivação para o estudo e para o hábito de leitura.

Eu lembro que o **meu pai falava assim com a gente: a única coisa que eu posso dar para vocês é educação e eu faço questão que vocês estudem.** E essa era a realidade nossa. **Somos seis irmãos filhos de uma professora aposentada que era uma excelente professora, que morreu aos noventa anos em 2013, recebendo flores dos ex-alunos.** No dia do aniversário dela de 90, dois alunos descobriram onde ela morava, porque ela tinha mudado o endereço, e levaram buquê de flores, falando da importância dela na vida deles. **Mas quem incentivava a gente ler era o nosso pai, que não tinha tido oportunidade de estudar.** Mas nosso pai tinha muita sede de conhecimento. Tanto é que ele me corrigia. Por exemplo, eu estava lá lendo o jornal e lia lá Got e ele me corrigia, ele me corrigia (Goethe). Na verdade, ele vem de uma época que as pessoas buscavam um conhecimento geral maior e ele gostava muito de ler jornal, de entender as coisas. **Comprava caixas de livros pra gente e de gibi. Então eu e meus irmãos, nós tínhamos o incentivo [...]** Mas assim, essa imagem de um pai que se sacrifica para os filhos lerem, estudarem e terem um horizonte ampliado, é uma das imagens mais ternas que eu tenho do meu pai. Então tinha a coleção inteira de Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado e você via que ele comprava livro a lote. **A gente não tinha dinheiro, mas incentivo pra ler, estudar,** os incentivos que a gente tinha não ficavam a dever para uma classe alta. A gente era uma classe média pobre, não ficava a dever para uma classe alta, não.

Nesse relato percebemos, que apesar das restrições financeiras que a família passava, havia uma valorização da leitura e um esforço dos pais para que os filhos crescessem cercados de livros.

Alguns usuários das bibliotecas públicas, em seus relatos, reconheceram estes locais como o lugar de incentivo à leitura.

Claro que sei da importância do clássico. **Mas como fazer uma criança ler um Machado de Assis se ela vive na televisão? Ela pode começar a ler um John Green [...]** Que ela fosse mais atrativa, especialmente para crianças, pois na infância é melhor incentivar a leitura (Águas Formosas).

A bibliotecária me coloca para ler coisas interessantes para melhorar meu aprendizado. Tipo Shakespeare, Clarice Lispector, Mario Vargas Llosa, os clássicos (Águas Formosas).

Com certeza o mais importante é a atenção dos voluntários aos deficientes físicos. **Tem um clube do livro que acho muito importante.** A presença massiva dos deficientes para discutir o livro (Belo Horizonte).

4.1.2 Gosto

Os sujeitos que frequentam as bibliotecas e participaram da pesquisa demonstraram em suas falas o hábito de ler, tanto na frequência na biblioteca, quanto na leitura estar presente em seu dia a dia.



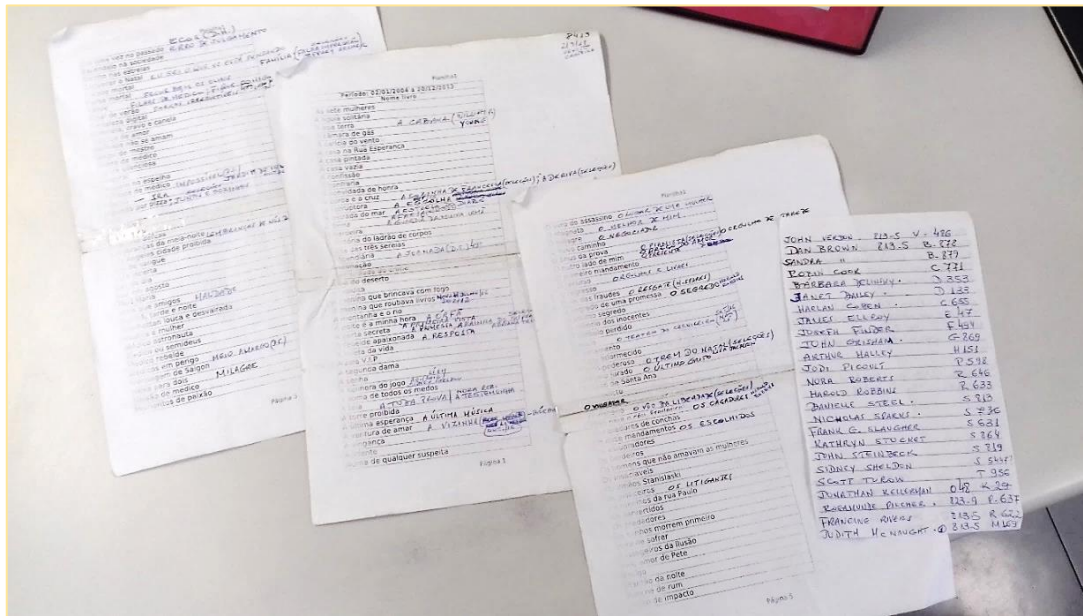
Gosto muito de ler. Encontro o que eu gosto de ler. Grande parte dos livros é antigo ou enciclopédia, às vezes fica difícil, mas na maioria das vezes eu encontro, sim (Águas Formosas).

Eu fui o primeiro cliente de uma funcionária. Vim pegar um livro, Stiletto, de Robbins. No dia em que ela se aposentou eu estava aqui e foi a maior coincidência. Me despedi dela. **Eu trago minha lista dos livros já lidos, pois quando eu acho algum, às vezes já li e não lembro** (Belo Horizonte).

Todo grande livro me faz mudar um pouco. Germinal, Guerra e Paz. Outro dia peguei dois: A vigília inútil e o Pássaro raro. Gostei muito. O livro que mais me marcou chama A solidão humana. (Belo Horizonte).

Um leitor apresentou com orgulho a lista que ele elabora dos livros já lidos, para organização das leituras, ilustrado pela Figura 4.

Figura 4 – Lista de livros lidos por um usuário de Belo Horizonte



Fonte: banco de imagens pessoal (2020)

Na fala de um entrevistado de Águas Formosas, seu interesse pela leitura literária ficou explícito em seu relato minucioso sobre a relação íntima com os personagens, onde fica visível seu diálogo com o autor.

Eu vou mais lá por lazer, às vezes por pesquisa, para encontrar os amigos as vezes e **porque eu amo ler, amo mesmo, muito, muito**. É uma sensação indescritível. Sabe aquela sensação? Não sei se sou só eu, se é normal acontecer isso, **mas quando eu estou lendo eu me identifico com algum personagem**. Não necessariamente com o personagem principal, mas pode ser com o vilão ou com um personagem secundário que pode ser super legal. **Ele pode ser o melhor amigo, enfim, ele pode ser qualquer personagem, eu me identifico, eu me sinto o personagem**. Eu me sinto o próprio personagem dentro da história. **Eu consigo visualizar exatamente o cenário, tudo**. Eu consigo imaginar o que a pessoa está sentindo naquele momento, naquela cena. **Eu praticamente fico viajando, sabe?** Eu amo, amo! Eu me concentro mais na história, sabe? Eu fico me sentindo dentro do livro. E quando eu começo a ler um que eu gosto, pode esquecer. Qualquer pessoa que precisar falar comigo, pode esquecer. Porque eu só largo livro para comer. Enquanto eu não termino, eu não consigo parar. É uma coisa assim que me puxa, que me atrai para o livro. Eu amo ler. Tem vez que mãe me xinga falando: ah, menino, você para de apoiar “essas vistas”, vai dar problema de vista! Eu falo: ô mãe, bate na madeira, não vai dar não.

Uma das leitoras de Belo Horizonte conseguiu, em seu depoimento, expressar a importância da leitura para superação de momentos de perda, evidenciando uma cumplicidade com seus autores preferidos, que se manifesta por um misto de reconhecimento e espanto da obra, delegando a eles o lugar de um guru.

Teve uma época que eu ia quase todo dia. É que, na verdade, eu tenho a carteirinha da SABE*, logo depois que eu fiz a carteirinha **eu fui lá muitas vezes. Lia muito filosofia lá. Fui muito depois que a minha mãe faleceu.**

Você acha que **a leitura de livros filosóficos, de literatura te ajudaram a elaborar a morte da sua mãe?** (Entrevistadora).

Tem um ditado antigo da medicina que serve pra qualquer coisa, que diz: quem só sabe medicina, nem medicina sabe. E, **na verdade, sim.** Eu não posso falar, porque eu não tenho um direcionamento pra ler. **Eu leio um pouquinho disso, um pouquinho daquilo. É uma colcha de retalhos. Mas essa colcha de retalhos, ela pode ser considerada uma rede, que muitas vezes te salva de uma queda.** Então, tem algumas pessoas, que eu não saberia falar da obra delas, mas que eu **já li algumas coisas e pensei: nossa! O Manoel de Barros é um poeta. Mas ele é tão apaixonante para mim** que eu comprei a obra dele. Porque eu acho que ele, **nas poesias dele, me ajuda, assim, a passar pelas coisas difíceis, como a morte da minha mãe, uma angústia do dia a dia.** Então, eu tenho uma resposta assim: eu pego um Guimarães Rosa como se fosse uma bíblia. Eu tenho uma veneração, e tal. Na verdade, eu acho que eu faço isso com a Clarice [Lispector] e com o Manoel [de Barros]. Isso eu já fiz várias vezes com o Manoel. Deixa eu ver o que o Manoel me fala? **Aí eu abro o livro assim, ó!, e falo: nossa, ele explicou tudo aqui, ó?!** (risos).

* Associação dos Amigos da Biblioteca Pública Estadual. O associado tem direito a pegar de empréstimo um número maior de exemplares por um prazo maior também.

4.1.3 Escrita

Outro entrevistado trouxe uma dimensão além da leitura: a escrita e seu incentivo pelas bibliotecas. Além de auxiliar no processo de comunicação de qualidade, a leitura o incentivou a escrever seu próprio livro, que ele classificou como ficção adolescente.



Porque assim, eu leio e eu quero que todo mundo leia. Gente, sério, todo mundo devia gostar de ler. Porque quando uma pessoa fala comigo que não gosta de ler eu me sinto revoltado [...] Carlinhos não gosta muito de ler. Eu comecei a influenciar ele na leitura agora. Mas **Érica ama. A gente escreve livro. Érica escreve, eu escrevo, Carlinhos escreve, mas ele não gosta de ler.** Ele gosta de escrever e ler livro no *Ipad*. Ele não gosta de ler livro físico. Mas eu amo ler livro no geral: físico, ebook, aquele *Wattpad**. Eu e Erica, a gente escreve no *Wattpad*. **A gente vai pra lá, pra trocar ideia. Ela fala: aqui, você acha que está bom este capítulo? Está ótimo! A gente troca ideia, escritor entre aspas.** Esses “escritorzinho”, eu tenho uma ideia na minha cabeça e começo a escrever, achando que vai dar certo (Águas Formosas).

* *Wattpad* é uma comunidade — rede social online — para leitores e escritores escreverem e lerem.

4.1.4 Conversas sobre livros

O gosto pela leitura, o hábito de ler e a frequência a bibliotecas se tornam parte do dia a dia das pessoas, e as conversas sobre os livros passam a ser um de seus assuntos.

Dois entrevistados relataram alguns episódios:



Você já fez amizades ou conheceu pessoas aqui na biblioteca que talvez não conheceria, se não fosse aqui? (Entrevistadora).

Sim, já conheci. Aliás, não só conheci como estreitei relações a partir de uma conversa **sobre o contexto de um livro, sabe?** Isso acontece muito quando tem um livro que, quando a biblioteca tem um livro que todos querem. Então, **aí quem leu fala alguma coisa, quem está lendo comenta outra. E aí vai despertando a curiosidade** (Rio do Prado).

Eu vou muito conversar com a bibliotecária e Ju, porque **eu não sei ler um livro e não deixar de comentar com alguém. Eu leio um livro, eu chego na biblioteca, eu faço uma resenha, não uma resenha exatamente.** Eu conto o livro inteiro para a bibliotecária. Eu falo: Bibliotecária, você quer ler tal livro? Aí ela fala: não. Aí eu falo: então vou te contar. Conto toda a história pra ela. Tem vez que ela fala que quer ler, aí eu falo: mas eu queria tanto te contar. Ela fala: pode contar. Ela sabe que eu gosto de contar. **Eu não consigo, eu conto o livro todo. Todo! Eu conto, eu enceno “os negócios” pra ela.** Eu acho que lá no fundo a bibliotecária acha que eu não sou certo, bem certo. Porque, sério, eu começo a encenar, aí tem as partes que tem dança e eu começo a dançar. Dançar entre aspas, porque a gente não sabe dançar. Mas é isso, a gente tem uma relação muito boa (Águas Formosas).

Outros sujeitos também relataram algumas situações em que determinados títulos foram o motivo para conversas e encontros.

Lembro de uma discussão entre os alunos sobre espiritualidade e religião **com Código Da Vinci** (Belo Horizonte).

Teve um livro que só tinha uma unidade, O mundo de Sofia, que todos queriam pegar emprestado e **quando as pessoas se encontravam na biblioteca, os que já tinham lido começavam a falar sobre o livro e acabavam contando a história do livro.** Com A Cabana aconteceu a mesma coisa (Rio do Prado).

4.1.5 Afeto pelo livro

A consequência de estar próximo aos livros e às bibliotecas proporciona uma ligação afetiva com o livro e em diversos momentos das respostas do questionário este sentimento foi demonstrado.



Os livros maravilhosos que tem aqui. **Eu sou apaixonada pelos livros** que tem aqui (Águas Formosas).

Os livros, porque **se não tivesse os livros não teria biblioteca**. E tem a coisa da infraestrutura que, nossa, não tem muito. Estante, computadores para pesquisa, pois muitas pessoas não têm livros novos (Águas Formosas).

Comecei a frequentar a biblioteca com 5 anos. Meu tio trabalhava e me levava. A convivência com os livros é muito importante. **Não sou de ter muito contato com os humanos, por isso tenho com os livros** (Águas Formosas).

Eu lembro quando eu estudava, que eu pegava várias vezes o mesmo livro e **uma vez quando fui pegar o livro novamente, tinha uma foto minha e 10 reais. Sinal de que só eu pegava esse livro**. Chamava Insônia (Águas Formosas).

Eu acho que **o mais importante são os livros**. Porque biblioteca sem livros não é biblioteca completa (Águas Formosas).

O incentivo à leitura pela família, o contato com os livros na escola e em casa e a possibilidade de frequentar uma biblioteca pública permite que o gosto pela leitura provoque sentimentos e sensações, tanto com os livros em si, quanto com os personagens, passando a fazer parte do cotidiano destes usuários. Cada um com sua trajetória leitora tem em sua memória o primeiro contato com a leitura e possui sua forma individual de lidar com o mundo de possibilidades que se abre por meio deste hábito.

5 LEITURA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A construção do quadro qualitativo das bibliotecas e de seus usuários foi necessária para se chegar ao ponto crucial da pesquisa, ou seja, tentar compreender quais são as representações sociais da biblioteca pelos sujeitos que são usuários da instituição. As

representações extrapolam o universo da leitura, no entanto, estão intrinsecamente ligados.

Para iniciar, foi preciso abordar um conceito proposto por Moscovici (2012), de que o **conhecimento é socialmente construído** e transmitido de geração para geração, influenciado por valores, normas e motivações e que faz parte da vida cotidiana das pessoas.

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, 1976 *apud* MOSCOVICI, 2012).

A Teoria das Representações Sociais possui outro aspecto central, que são os processos de pensamento baseados na memória e em conclusões passadas pelos quais se geram as representações: *ancoragem* e *objetivação*.

A *ancoragem* é basicamente um processo de classificação, ou seja, tentamos encaixar o que não é familiar em um lugar familiar e nesse movimento geralmente há um juízo de valor.

Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada [...]. No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela [...]. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas que não possuem nomes são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. (MOSCOVICI, 2012, p. 61).

Já a *objetivação* é o processo pelo qual

procuramos tornar concreto, visível, uma realidade. Procuramos aliar um conceito com uma imagem, descobrir a qualidade icônica, material, de uma ideia, ou de algo duvidoso. A imagem deixa de ser signo e se torna uma cópia da realidade. (OLIVEIRA; WERBA, 2002, p. 110).

Nesta fase da pesquisa, partimos então para a premissa da Teoria das Representações Sociais, ou seja, tornar familiar o não familiar, por meio dos processos de ancoragem e de objetivação.

Nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, percebe-se que o conhecimento sobre a biblioteca e sobre o valor da leitura vem, muitas vezes, **passado de pai/mãe para filho**. Outro tema fortemente ancorado na noção de biblioteca pública foi a categoria **lugar de encontro**. Uma das grandes surpresas da pesquisa foi perceber que muitos sujeitos vão às bibliotecas para encontrar pessoas, conversar, fazendo do ambiente da biblioteca um lugar de lazer e de convivência social.

A biblioteca pública também apareceu **ancorada na noção de democratização do acesso**. Muitos usuários relataram em suas falas a importância da gratuidade e disponibilidade dos serviços para as comunidades, especialmente para aqueles com alguma restrição, seja pessoal ou socioeconômica.

Outro grande tema relacionado à biblioteca pública presente nas falas dos sujeitos está **objetivado na ideia de livro**, presente em diversas categorias analisadas, apesar das bibliotecas dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha deixarem muito a desejar em infraestrutura, em particular na qualidade de seus acervos. Este é o processo, chamado por Moscovici (2012, p. 72), de **transformação icônica**, ou seja, objetivou-se a ideia de biblioteca pública pelo símbolo do livro.

Evidentemente o processo de transformação icônica não é aleatório. Ainda que o referencial teórico traga inúmeros tipos de serviços e ações que as bibliotecas podem oferecer com o potencial de transformar as comunidades, a realidade nas bibliotecas visitadas é que a oferta do livro físico ainda é um dos únicos serviços oferecidos. Não é uma crítica à oferta de livros, muito pelo contrário, entende-se que esta é a missão principal da biblioteca pública e que todas as outras atividades devem girar em torno dele. Porém, particularmente as bibliotecas do interior visitadas, disponibilizam como um dos únicos serviços o empréstimo do livro de um acervo que não atende às demandas da comunidade, o que leva a crer que, para seus usuários, as bibliotecas estejam objetivadas no ícone “livro”.

Portanto, as bibliotecas públicas na pesquisa foram representadas em sua dimensão física, principalmente pelo objeto livro, também por seus serviços, e também por uma

dimensão subjetiva, representada como um lugar de encontro, de trocas simbólicas e de afeto e como um lugar democrático, evidenciando sua vertente coletiva.

O encontro na biblioteca estimula as interações sociais, participando de processos de transformação pessoal e construção de laços de afeto, localizando uma dimensão individual e psicológica. Já na dimensão social e coletiva, a ideia da biblioteca ser um lugar democrático e gratuito remete a um papel social importante, pois é (ou poderia ser) a instituição que proporciona acesso à informação e construção de conhecimento para todos, independentemente da raça, classe social, grau de escolaridade, profissão, idade, orientação sexual ou política. Todos têm direito a uma biblioteca pública!

O que emergiu das falas dos sujeitos foi um saber do senso comum, que está representado na ideia de livro (ligado ao saber e ao conhecimento) e à ideia de lugar democrático e de encontro. **A simplificação da realidade** proposta pela Teoria das Representações Sociais ganhou forma na medida em que um mundo de conhecimento e possibilidades é condensado no objeto livro e vivenciado pelo encontro de pessoas em um espaço democrático.

O papel social das bibliotecas públicas de Águas Formosas, Rio do Prado e Belo Horizonte está intimamente ligado à noção de livro, lugar de encontro e lugar democrático. Dentro do ícone livro, inserimos aí a dimensão da leitura, que esteve presente em muitos momentos na fala dos sujeitos e foi explicitada por um valor que ultrapassa o conhecimento das letras e de acesso à informação, e transforma-se em uma forma de autoconhecimento, elaboração do mundo circundante e transformação social.

6 NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os termos evocados no teste de evocação livre dos questionários da pesquisa nas três bibliotecas foram analisados à luz da Teoria do Núcleo Central, como forma de incrementar e aprofundar as análises.

Para Jean-Claude Abric (ABRIC, 1998, 2003, 2011), a representação de um objeto ou fenômeno é organizada em torno de um núcleo central, que é constituído de elementos que dão o significado à representação. Tal núcleo pode ser acessado diante de uma

característica comportamental, por ele chamada de reatividade. O núcleo seria a parte mais estável da representação, determinando seu significado e sua organização. Sem esses elementos centrais, a representação teria um significado completamente diferente (SÁ, 2002).

Para os pesquisadores, as representações sociais possuem características aparentemente contraditórias, tais como: são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis; são consensuais, mas também possuem diferenças interindividuais (SÁ, 2002). No intuito de apreender tais contradições, a Teoria do Núcleo Central propõe que a Representação Social é internamente organizada por um sistema duplo.

O primeiro deles é chamado de sistema central, constituído pelo núcleo central:

Está diretamente ligado às condições históricas, sociológicas e ideológicas [...] possui uma base comum, coletivamente partilhada e sua função é consensual. Ele é estável, coerente, resistente à mudança, assegurando a função de permanência e continuidade da representação. (SÁ, 2002, p. 73).

Já o sistema periférico, constituído pelos elementos periféricos da representação, “promove a interface com a realidade concreta e o sistema central” (SÁ, 2002, p. 73), atualiza e contextualiza o que está constituído no sistema central, dando flexibilidade e expressão individual às representações sociais. Abric (1994) estabelece que o sistema central tem função mais normativa e o sistema periférico é mais funcional, ou seja, ele fica responsável por fazer a âncora da representação com a realidade.

Os termos evocados pelos usuários passaram pelo processo de redução para a forma masculina singular (lematização¹²), inseridos em uma tabela na qual cada linha representa cada sujeito, incluindo as variáveis socioeconômicas. As análises dos termos evocados foram realizadas pelo software Iramuteq. O quadro de quatro casas, resultado da análise, está representado no Quadro 8.

¹² A lematização reduz as palavras variáveis à correspondente forma canônica: verbos no infinitivo e palavras, como substantivos e adjetivos, no singular e, quando existir, masculino (GONZALESZ; LIMA; LIMA, 2006).

Quadro 8 – Quatro casas do sistema central e periférico do núcleo central

<=2.8 Rangs >2.8	
Zona ou noyau	Première périphérie
livro-23-2.2 conhecimento-16-2.4 estudo-9-2-4 cultura-8-1.5 leitura-7-2.4 informação-7-2.4 alegria-5-2.8 pesquisa-5-2	Lazer-14-3.6 Tranquilidade-5-4.6
Elements contrastés	Seconde périphérie
saber-4-2 selênio-4-2.5 solidariedade-3-2 bibliotecário-3-1.3 disponibilidade-2-1.5 autoconhecimento-2-2-5 desenvolvimento-2-2 acolhimento-2-2 esforço-2-2.5 romance-2-2 oportunidade-2-1.5	amizade-4-3.5 entretenimento-3-4 conforto-3-3.3 aventura-2-3 história-2-4 vida-2-3.5 convivência-2-4 satisfação-2-4.5 educação-2-4 acessibilidade-2-3.5 apoio-2-4.5 proximidade-2-4 praça_da_liberdade-2-4.5 jornal-2-3 hábito-2-5 felicidade-2-5 emoção-2-4 ajuda-2-3 socializar-2-4 diversão-2-3

< 4.02 Fréquences >=4.02

Fonte: elaborado pela autora (2020)

As análises do resultado apresentado no Quadro 8, pela sua pertinência, são apresentados a seguir, nas considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os prováveis elementos do núcleo central da representação são os termos: **livro; conhecimento; estudo; cultura; leitura; informação; alegria e pesquisa**. Esses são os elementos mais estáveis da representação de biblioteca pública. São os termos que tiveram alta frequência e baixa ordem de evocação, ou seja, foram evocados por grande número

de participantes e evocados prontamente. Todos eles estiveram presentes no discurso dos sujeitos de uma forma ou de outra.

A zona da segunda periferia refere-se às respostas com alta frequência e alta ordem de evocação. Nesta zona, **lazer e tranquilidade** foram os elementos que estão mais próximos do núcleo central. Biblioteca como lugar de lazer, por não ter tido baixa ordem de evocação, ficou na primeira periferia, no entanto, pode-se notar que foi evocada por um grande número de sujeitos.

Na segunda periferia estão as respostas com frequência de evocação inferior ao ponto de corte, que neste caso foi 2.8, ou seja, palavras evocadas pelo menos duas vezes. Esses são elementos mais particularizados, instáveis e pouco ligados ao núcleo da representação. Pode-se notar que alguns tipos literários se encontram nesta periferia: **aventura, romance, história**. Aspectos mais subjetivos como amizade, conforto, diversão e interação estão nesta zona, mas se relacionam com sentimentos de alegria, lazer e tranquilidade, presentes nas zonas mais próximas do núcleo central.

A zona de contraste traz as respostas com baixa frequência, que podem indicar duas possibilidades segundo Wachelke e Volter (2011, p. 532), pois “ou são elementos apenas complementares da primeira periferia ou indicam a existência de um subgrupo que valoriza consistentemente alguns elementos distintos da maioria, talvez até mesmo com um núcleo central diferente”.

As evocações **saber e aprendizado** estão ligadas à dimensão do conhecimento. Já a evocação **pessoa**, que passou pela lematização para a forma masculina e singular, mas que originalmente foi evocada como **pessoas**, está relacionada ao lugar de encontro, tão comentada nas questões abertas, mas que aqui ficou na zona de contraste. A figura do **bibliotecário** também apareceu nesta zona de contraste.

Ainda que este capítulo seja um recorte de uma pesquisa mais ampla, o que podemos perceber é que a dimensão da leitura está intimamente ligada à instituição biblioteca, seja ela pública ou escolar, sendo um dos elementos de seu núcleo central. A família também desempenha papel fundamental nesta equação, sendo uma das grandes responsáveis pelo incentivo ao gosto pela leitura desde a infância.

A pesquisa possui como recorte três bibliotecas públicas, contudo pôde reafirmar algumas premissas já adotadas pelos estudiosos da leitura: se família, escola e biblioteca atuarem no sentido de desenvolver a competência e o gosto pela leitura, certamente estaremos caminhando para uma mudança profunda na sociedade, não só educacional, mas, fundamentalmente social, impactando todas as dimensões do ser humano.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: Ed. AB, 1998.

ABRIC, Jean-Claude. L'organisation interne des représentations sociales: système cultural et système périphérique. *In*: GUIMELLI, C. (org.) **Structures et transformations des représentations sociales**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 73-84.

ABRIC, Jean-Claude. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 2011.

ABRIC, Jean-Claude. **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Paris: ERES, 2003.

ALEXANDRE, Marcos. **Representação social: uma genealogia do conceito**. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 122-138. jul./dez. 2004.

ARAÚJO, Walquiria Toledo de. A biblioteca pública e o compromisso social do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 106-122, mar.1985.

BAPTISTA, Mônica Correia. A leitura, a literatura infantil e os bebês. *In*: LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). **As crianças e os livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 62-81.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Contexto, leitura e subjetividade. **Transinformação**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 43-47, jan./jun. 2001. DOI: 10.1590/S0103-37862001000100003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862001000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 8 jun. 2020.

FARIAS, Fabíola; RENÓ, Patrícia; MEDINA, Samuel. As crianças, a biblioteca e o mundo imenso. *In*: LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). **As crianças**

e os livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 151-163.

GONZALESZ, Marco; LIMA, Vera L. S de; LIMA, José V. de. Termos, relacionamentos e representatividade na indexação de texto para recuperação de informação. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, jun. 2006. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/595>. Acesso em: 8 jan. 2020.

LANKES, David. **Expect more:** melhores bibliotecas para um mundo complexo. [São Paulo]: FEBAB, 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 9. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2012.

OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. Representações sociais. *In:* JACQUES, Maria da Graça Correa. **Psicologia social contemporânea:** livro-texto. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 104-117.

FERRAZ, Marina Nogueira. **Representações sociais de biblioteca pública:** a voz dos usuários do interior e da capital de Minas Gerais. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B3UJYQ>. Acesso em: 8 jan. 2020.

PÉTTIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYS, Yolanda. O triângulo amoroso. *In:* LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). **As crianças e os livros:** reflexões sobre a leitura na primeira infância. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 46-5.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTA MARIA, Gloria Maria Rodriguez. **La biblioteca pública que queremos.** [Bogotá]: Ministério da Cultura, 2011.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 27, n. 4, p. 521-526, out./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400017. Acesso em: 8 jun. 2020.